

## Camille Rodrigues na Playboy: repercussão do ensaio da paratleta na mídia<sup>1</sup>

Tatiane HILGEMBERG<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### RESUMO

As pessoas com deficiência, geralmente, são desencorajadas a expressar sua sexualidade, e muitas mulheres amputadas decidem usar roupas que, de alguma forma, camuflam suas deficiências, mostrando que concordam com a ideia de que um membro amputado é perturbador e nada atraente. A nadadora paralímpica Camille Rodrigues vem publicando em suas redes sociais imagens que antagonizam com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil, e em 2016 foi convidada pela Playboy a posar para a revista. Portanto, nesse artigo temos como objetivo analisar como a atleta Camille Rodrigues foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atleta Paralímpica; Corpo; Gênero; Representação

### Introdução

Percebemos que a diferença entre corpos sempre despertou interesse da humanidade, sendo que tais diferenças podem ser enfatizadas através do binômio normal/anormal. Conforme sugere Hall (1997) geralmente as pessoas que são significativamente diferentes da maioria são expostas de forma binária – heróis e vilões; bom e mau; civilizados e primitivos; feio e atraente –, rejeitado porque é diferente e atraente porque é estranho e exótico; isso ao mesmo tempo num processo de fetichismo. Essa aparente ambiguidade se dá, segundo Hall (1997), pois o processo de representação ocorre de forma consciente ou evidente e inconsciente ou suprimida. Assim,

The important point is that stereotypes refer as much to what is imagined in fantasy as to what is perceived as ‘real’. And, what is visually produced, by the practices or representation, is only half of the story. The other half – the deeper meaning – lies in *what is not being*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social da UFRR, e-mail:tatiانهilgemberg@gmail.com

---

*said, but is being fantasied, what is implied but cannot be shown*<sup>3</sup>  
(HALL, 1997, p. 263, destaque no original).

Apesar de a sociedade acreditar que tanto homens como mulheres com deficiência sejam assexuados (SHAKESPEARE et al., 1996) e infantis, principalmente aqueles com deficiência intelectual, ao homem cadeirante está associada a ideia de impotência, e no geral difunde-se que a vida sexual da pessoa com deficiência deve ser controlada, sua sexualidade negada, patologizada. Quando um cadeirante apresenta uma vida sexual ativa, a curiosidade aflora, quando um grupo de pessoas que se sente atraído por amputados (conhecidos como *devotees*) se agrupam online é necessário que seu desejo seja justificado, uma vez que essa atração é colocada como patologia a ser tratada (KAFER, 2000). O membro amputado à mostra é, ao mesmo tempo, atraente e perturbador.

As pessoas com deficiência, geralmente, são desencorajadas a expressar sua sexualidade, e muitas mulheres amputadas decidem usar roupas que, de alguma forma, camuflam suas deficiências, mostrando que concordam com a ideia de que um membro amputado é perturbador e nada atraente. De acordo com Kafer (2000) a presença de imagens de pessoas com amputações visíveis na mídia e na esfera pública poderiam encorajar os amputados a não mais esconder seus corpos, e completa afirmando que a propagação de imagens que representem pessoas com deficiência de forma sexy pode ser benéfica para essa comunidade.

A nadadora paralímpica Camille Rodrigues vem publicando em suas redes sociais imagens que antagonizam com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil, e já se destaca no cenário nacional por ter feito parte de videoclipes de músicos como Lucas Lucco, se apresentado no Prêmio Multishow de 2017 com a cantora Anitta e participar da abertura do programa Fantástico, da Rede Globo.

Em 2016 Camille foi convidada pela Playboy a posar para a revista. O ensaio, que não incluía nudez (a Playboy parou de publicar ensaios com nudez em março de 2016), repercutiu nos meios de comunicação. Apesar de já ter realizado edições com outras atletas anteriormente (incluindo fotos nuas) essa foi a primeira vez que uma atleta

---

<sup>3</sup> O importante é que os estereótipos se referem tanto ao que é imaginado em fantasias quanto ao que é percebido como 'real'. E, o que é produzido visualmente, pelas práticas da representação, é apenas parte da história. A outra parte – o sentido mais profundo – reside no que *não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito mas não pode ser revelado* (Tradução da autora).

---

com deficiência seria representada fotograficamente na Playboy, caracterizada como uma revista para o público masculino.

Nesse artigo temos como objetivo analisar como a atleta Camille Rodrigues foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy.

### **As normatividades**

Em nossa sociedade somos, cada vez mais, impelidos a atingir o ideal corporal imposto, a atingir o sucesso em um ambiente educacional altamente competitivo, a acumular o máximo de saúde, status e independência nos locais de trabalho, e tornarmos pessoas desejáveis através da imagem, vestuário, papéis desempenhados, e habilidades. Assim dentro dessa cultura narcisista, faz algum sentido que as partes de nós que não se enquadram nessas expectativas tornem-se inaceitáveis.

Com as mudanças históricas e de pensamento o ideal contemporâneo passa a ser o da realização pessoal, e a saúde é, agora, sinônimo de boa forma física. A nova ideologia, baseada na adoração de si e na idolatria à forma física, tem raízes no sistema capitalista que produz indivíduos egocêntricos que buscam a satisfação própria (FONTES, 2006).

Pode-se dizer que, de modo panorâmico, ao longo do século XX, o corpo passa por três estatutos culturais básicos: **o corpo representado**, visto e descrito pelo olhar do outro, da igreja, do estado, do artista; **o corpo representante**, um corpo ativo, autônomo quanto às suas práticas, consciente do seu poder político e revolucionário, porta-voz do discurso de uma geração, contestador, sujeito desse próprio discurso e agente propositor e defensor de reformas que vão da sexualidade à política; finalmente, **o corpo apresentador de si mesmo**, aparentemente a serviço de uma cultura que se pauta pelo efêmero e pelo imediato, caracterizado como porta-voz de forma e não de conteúdos. Trata-se do corpo reconstruído à base de cirurgias plásticas e implantes de substâncias químicas e que busca incessantemente apagar da pele as marcas biológicas do tempo, ao mesmo tempo que inscreve na forma física os sinais da corporeidade. Este corpo é, em si mesmo, o próprio espetáculo (FONTES, 2006, p. 124, destaque no original).

O corpo do século XXI não se contenta com os resultados da atividade física e nutrição adequada, o sem número de procedimentos estéticos inventam imperfeições novas à espera da restauração da norma e o apagamento das deformidades (COURTINE, 2011). O novo século vê nascer as patologias da hipernormalidade.

---

Fontes (2006) afirma que sinônimo desse modelo corporal marcado pelo culto à boa forma física, onipresente nos meios de comunicação, é o corpo canônico que emerge a partir do momento que o indivíduo aceita um conjunto de práticas que visa a sua reestruturação/reconstrução corporal, mas que tem suas origens no corpo medicalizado e higienizado do início do século XX.

Alguns autores (HALLER, 2000; THOMAS; SMITH, 2003) veem as representações midiáticas não apenas como disseminações de informações, mas sim como um enquadramento e um reforço de uma visão específica. Dado fazermos parte de uma cultura avidamente consumidora de mídia, as notícias veiculadas, os filmes e séries televisivas, o cinema e até mesmo a publicidade, têm um impacto significativo nas atitudes e percepções do público perante os outros.

O discurso midiático propõe definições do que é certo, do que é belo, do que é bom. Braga (2009), por exemplo, ao analisar capas de revistas femininas percebeu que em 98% do material esse corpo era branco e em todos os casos a magreza era exposta, nenhum corpo diferente do discurso vigente. O corpo com deficiência, quando não ausente, é, geralmente, representado de forma estereotipada.

Ao longo da história no que se refere ao esporte especificamente, as relações de poder sempre estiveram presente neste campo, o que ocasionou uma estrutura de desigualdade. Mesmo em meio a uma sociedade patriarcal a mulher conseguiu no decorrer dos anos construir seus espaços, a primeira participação de mulheres (há controvérsias em relação à quantidade de competidoras) em Olimpíadas se deu em 1900 em Paris, nos esportes de exibição, golfe e tênis. As provas femininas foram sendo incluídas, pouco a pouco, no programa Olímpico.

Percebemos que o esporte foi criado por e para pessoas sem deficiência, dando prioridade para alguns tipos de movimentos humanos, e com um certo número de padrões através dos quais os atletas são avaliados. Esses padrões são designados, segundo Brittain (2004), para destacar e reverenciar o extremo da perfeição corporal através da associação com o fitness, saúde, dinamismo, juventude e apelo sexual, o que está fortemente em contraste com a imagem do esporte para pessoas com deficiência, vistas com “doentes”, “aleijados”, “deficientes”, “mutilados” (SCHANTZ; GILBERT, 2001). Além disso, Brittain (2004) afirma que o esporte adaptado aparentemente não oferece imagens que se enquadram nas normas que delineiam as imagens esportivas em nossa sociedade.

---

A sociedade do consumo tem o objetivo comum de rejeitar o corpo velho, fraco, doente, incapaz, ou deficiente. Segundo Hargreaves (1985) quando idosos e pessoas com deficiência eram representadas pela rede de televisão britânica BBC, na cobertura da Maratona de Londres, havia um tom paternalista ao se retratar os idosos. Aos cadeirantes era destinado um tratamento *voyeur*, o que mostra que ambos são corpos indesejados, ameaças ao modelo ideal e desvios da norma. Apesar de não serem considerados ameaças ou desvios, os corpos de mulheres em esportes considerados masculinos – como futebol e levantamento de peso, por exemplo – e de negros são também negligenciados pela mídia, o que nos leva a concluir que o corpo esportivo ideal para além das características acima citadas é também masculino e branco.

Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Qualquer um que não se enquadre na descrição de corpo atlético ideal é marginalizado ou tratado como “outro” no esporte. Schantz e Gilbert (2001) sugerem que as atletas com deficiência estão e são sujeitas a uma tripla discriminação, uma vez que, em geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como um visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

Os estereótipos que continuam a ser associados às mulheres com deficiência na mídia relacionam sua imagem a uma pessoa infantilizada pela sociedade, inapta sexualmente, considerada nula. É negado às mulheres com deficiência até mesmo a capacidade de realizar as atividades que historicamente são relegadas ao gênero feminino: como o de dona de casa e mãe.

Schell e Rodriguez (2001) afirmam que as mulheres com deficiência estão sob um duplo silêncio, tratadas como seres assexuais e oprimidas. Essa discrepância entre, de um lado a erotização/sexualização das atletas sem deficiência, e por outro a deserotização/sexualização das atletas sem deficiência pode ser pelo fato de que as mulheres com deficiência não se enquadram no sistema sexo-gênero.

---

## **Método e Corpus**

Em 2016 a paratleta da natação Camille Rodrigues, foi convidada para um ensaio fotográfico a ser publicado na edição de setembro pela revista Playboy. O ensaio repercutiu nos meios de comunicação.

Levando em consideração que mulheres com deficiência são consideradas assexuadas e que a paratleta teria sua imagem publicada em uma revista voltada para o público masculino, nosso objetivo central foi analisar de que forma a mídia repercutiu o fato. Para isso buscamos através da ferramenta Google News pelas palavras chaves Camille+Playboy; Camille+Rodrigues+Playboy; Paratleta+Playboy.

Nossa intenção não foi a de esgotar todos os resultados, mas a partir da análise das publicações encontradas traçar um panorama de como a atleta teve sua imagem associada à revista Playboy.

Nosso corpus contou com 13 notícias publicadas nos mais diversos sites e portais. Foram excluídas notícias repetidas e resultados que direcionavam para páginas não encontradas. Utilizando a análise de conteúdo e o método elaborado por Figueiredo (2017) analisamos de forma quantitativa a terminologia empregada para referir-se à atleta, e de forma qualitativa as expressões e palavras que caracterizavam Camille Rodrigues.

## **Discussão**

As mulheres atletas subvertem as ordens sociais ligadas ao gênero, uma vez que sua presença nessa arena foi historicamente negada, e à sexualidade porque as características femininas, presentes ou ausentes, desvirtuam a hegemonia masculina. As mulheres atletas com deficiência ferem ainda a ordem social capacitista, ao não apresentar um corpo considerado pelo modelo médico, como funcional e, portanto, não apto para o esporte.

O esporte mudou ao longo do tempo. Uma mudança lenta e gradual, e como parte dessas mudanças vemos o esporte tanto como lugar de conformidade com valores sociais dominantes, reproduzindo desigualdades, quanto local de resistência e mudanças desses mesmos valores (DEPAUW, 1997).

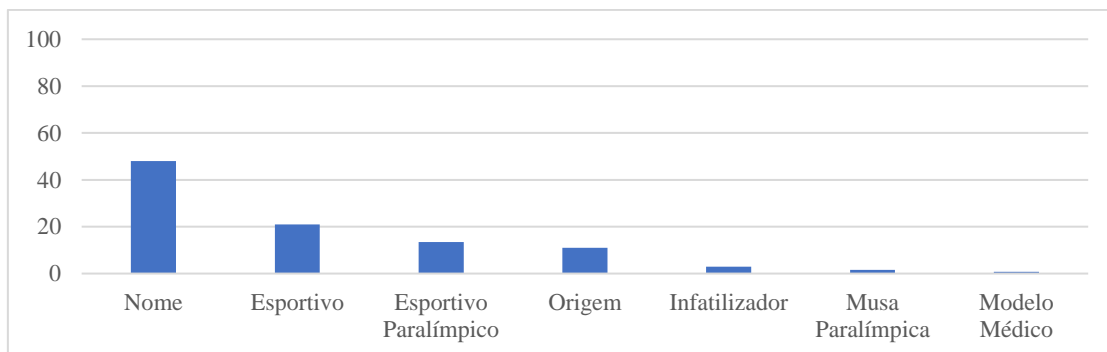
Como é no corpo que está inscrita a diferença muitos pesquisadores acreditam que a materialidade oprime as pessoas com deficiência. Dessa forma, sendo o corpo de fundamental importância para a prática esportiva, concordamos com Howe (2012) que afirma ser esse um dos motivos pelo qual o esporte é um campo pouco explorado por aqueles que se dedicam à pesquisa das questões que envolvem a deficiência.

Alguns estudos como o de Schell e Duncan (1999) mostram que as atletas paralímpicas não recebem comentários ou “marcadores” sexistas com às olímpicas, no entanto, os autores ressaltaram que a ausência de comentários tipicamente sexistas sobre a aparência, beleza facial ou corporal e sensualidade das mulheres deve-se ao fato de que as pessoas com deficiência são geralmente percebidas como esteticamente desagradáveis e assexuadas.

O que então aconteceria se uma atleta com deficiência fizesse um ensaio para uma revista masculina? Como a mídia a representaria?

Analisando as 13 notícias publicadas sobre o fato de a paratleta Camille Rodrigues ter posado para a edição de setembro de 2016 da Playboy percebemos que a terminologia empregada tende a ratificar os estudos mencionados, uma vez que a maior parte dos termos usados referem-se ao nome da esportista e a marcadores esportivos.

Gráfico 01 – Terminologias empregadas.



Tynedal e Wolbring (2013) analisaram o jornal americano New York Times de 1955 a 2012 buscando informações sobre os Jogos Paralímpicos e concluíram que poucos paratletas foram mencionados através do nome. Em nossa pesquisa, no entanto, o nome da atleta é o termo mais encontrado (Gráfico 01), o que era de se esperar visto ser o nome o identificador do sujeito, a afirmação da individualidade. Segundo Moraes (2000, p. 49) o nome é “(...) um dos direitos mais essenciais da personalidade”. A psicanálise estabelece que o nome humaniza o sujeito, suportando a identidade social

---

bem como a identidade subjetiva (MARIANI, 2014). Por isso era de se esperar a forte presença do nome, o que conta também para uma visão mais positiva de nossa análise, uma vez que o primeiro atributo relacionado ao atleta é seu nome, ou seja, seu identificador como pessoa.

Em 21% dos casos registrados os termos relacionavam-se ao âmbito esportivo, ou seja, Camille era identificada como atleta, competidora, nadadora, ou era a ela associados os substantivos esportivos (campeã, medalhista) sem a especificação da deficiência ou sequer menção de tal. Apenas alguns casos (13%) esses substantivos vinham acrescidos dos designadores da deficiência, como por exemplo, paratleta e paralímpica, sugerindo proximidade com a cobertura dos esportes “convencionais”. A origem da atleta também foi uma categoria em destaque. Referida como brasileira a atleta é vinculada ao país de origem, mostrando nacionalismo. Estudos sobre o discurso midiático sobre os Jogos Paralímpicos (SCHANTZ; GILBERT, 2001; THOMAS; SMITH, 2003; HARDIN; HARDIN, 2008) mostraram que os jornais enfatizam o nacionalismo, esse discurso associa o atleta com deficiência à identidade nacional de forma similar ao atleta sem deficiência.

Em outros casos, como por exemplo em websites de informação local ou regional, Camille é referida como fluminense, ou de Pádua. Apesar de existir uma imensidão de critérios de noticiabilidade, e de haver discussões acadêmicas acerca da falta de rigidez e universalidade (ver SOUSA, 2002), é certo que a proximidade é um elemento fundamental na escolha do que será publicado nas páginas dos jornais. Apesar dessa estratégia de comunicar conteúdos próximos aos leitores do veículo ser utilizada não só pela imprensa local, mas também pela regional e nacional, seu uso é mais frequente no primeiro, pois há necessidade mais preeminente de vincular o leitor ao jornal.

Em menor grau ainda encontramos dois tipos de terminologia considerados inadequados, àquelas relacionadas ao modelo médico (com uma ocorrência apenas com o uso do termo “deficiente”) e as infantilizadoras (3%: moça, jovem, menina). Diversos estudos, (KOIVULA, 1999; LENSZYJ, 1998) apontam que a mídia esportiva desempenha um papel fundamental na construção e perpetuação da desigualdade de gênero.

Ao desviar da norma as mulheres com deficiência podem ser vistas como assexuais, infantis, longe de alcançar os ideais de feminilidade e características



---

consideradas atraentes. As mulheres com deficiências físicas, geralmente, são definidas por seus atributos corporais ausentes ou “disfuncionais”, o que caracteriza a visão do modelo médico, que lida com a deficiência enquanto doença.

O modelo médico trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES et al, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade de um indivíduo e que resulta na perda ou limitação de uma função (THOMAS; SMITH, 2009). O enfoque deste modelo, portanto, recai sobre a patologia, sendo baseado no diagnóstico e em soluções médicas. O modelo médico vê-se como sendo a voz que dá legitimidade a todas as matérias associadas à funcionalidade do corpo (HUGHES, 2000). A deficiência da atleta Camille Rodrigues é (re)apresentada nos jornais, expressões como: que teve a perna direita amputada, devido a um problema congênito de má-formação teve que amputar, estiveram presentes no material analisado, o que reforça a importância da descrição da deficiência para a audiência.

Um estudo realizado por Taub, Fanflik, McLorg (2003) que analisa a resposta de mulheres universitárias com deficiência física a normas corporais, mostra que para elas o ideal corporal feminino representa um corpo jovem, com peso médio, esguio, sem deficiência e branco, e assim o uso de equipamentos ou acessórios que marcam a deficiência, como cadeiras de rodas, próteses, bengalas, que estão incluídos no modelo médico, dificultam ainda mais o desenvolvimento de uma imagem corporal positiva por parte da pessoa com deficiência. Algumas dessas mulheres consideram seus corpos diferentes e por isso não gostam da representação do corpo feminino ideal em revistas e na televisão. Uma vez que a deficiência nelas está aparente e visível, se utilizam de algumas técnicas denominadas de gerenciamento de estigma, que consistem em disfarçá-la (através de auto-segregação, gerenciamento de informação não revelada, como exemplo, passar a maior parte do tempo sentada, esconder a cadeira de rodas em um evento social, o uso de roupas que disfarçam a deficiência); desviar a atenção para atributos menos desacreditados, como por exemplo usar roupas nas quais se sintam bem, na moda, ou maquiagem que realce características consideradas positivas; e normalizar a sua deficiência, numa tentativa de redefinir o estigma e reeducar as pessoas sem deficiência., como o questionamento das normas sociais, ou o confronto direto com

o estigma, resignar-se com a própria aparência e mostrar desinteresse em buscar o “corpo ideal”.

As próteses coloridas e desenhadas de Camille, têm potencial para quebrar o paradigma do corpo ideal, no entanto percebemos que a nadadora também se utiliza do gerenciamento do estigma. Ao mesmo tempo em que sua prótese tem protagonismo, a atleta desvia a atenção para atributos menos desacreditados, ao afirmar que “me acho sensual” (ROCHA, 2016), “Dona de uma autoestima bem elevada, ela nunca tentou ou quis esconder a perna mecânica”, “Adoro usar short e roupa curta” (ATLETA PARALÍMPICA, 2016); “muito vaidosa” (BERRIEL, 2016).

A paratleta também recebe o título de musa das Paralimpíadas, pelos meios analisados. As musas povoam o imaginário masculino, e usualmente designam figuras femininas inspiradoras e que se enquadram nos padrões de beleza. Assim, esse título dado a uma atleta paralímpica, com deficiência visível, poderia, como acontece nos esportes para pessoas se deficiência, ser relacionado à erotização do corpo esportivo feminino. As analisar brevemente as fotografias publicadas pelos websites, percebemos que em todos os casos havia ou a imagem publicada pela Playboy ou pela própria atleta em suas redes sociais, principalmente Instagram. A Playboy por ser uma revista masculina funciona como perpetuadora, se não produtora, de discursos de gênero e sexualidade. Já o Instagram funciona como uma ferramenta que possibilita que a própria atleta tenha poder sobre sua representação.

Fotografia 01



Fonte: Deco Cury/Playboy

Fotografia 02



Fonte: Arquivo pessoal da atleta

---

Marshall (2010), afirma que a autoconstrução de uma imagem pessoal nas redes sociais é realizada de forma consciente de um público alvo de atenção, sendo estruturada cuidadosamente na procura da produção do eu que possua uma melhor recepção (GEURIN-EAGLEMAN; BURCH, 2016). A autorrepresentação nas redes sociais é, também, uma forma de atrair a atenção do público e adquirir algum tipo de valor nessas redes e fora delas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos a literatura sobre as mulheres no esporte percebemos que apesar do título de democrático e democratizador, o esporte, como prática social moderna, foi construído como masculino, gerando uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão também nesta prática. O mesmo parece acontecer com as atletas sem deficiência.

Essa história faz parte dos movimentos feministas desde meados do século XIX, propondo pautas de lutas sociais por igualdade em relação aos homens, questionando as noções, até aquele momento muito difundidas, de domesticidade e inferioridade femininas numa “(...) arena importante de disputas sobre quem controla e quem decide o que os corpos femininos podem ou devem fazer” (ALDELMAN, 2004, p. 33). Assim sendo, é de consenso geral que a trajetória da mulher na sociedade sempre foi marcada pela discriminação.

Retomando o objetivo de nosso estudo que foi analisar como a atleta Camille Rodrigues foi representada nas notícias publicadas sobre seu ensaio para a Playboy, percebemos que o discurso realiza o papel de pontuar uma contradição normalmente rejeitada pela razão: o corpo com deficiência também pode ser erotizado. Portanto, antagoniza com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil.

## REFERÊNCIAS

ALDELMAN. M. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In: FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER & ESPORTE: Mitos e Verdades, 3., 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2004. p.31-37.

---

ATLETA PARALÍMPICA faz ensaio sensual para a ‘Playboy’. *O Hoje*. 29 Ago. 2016. Disponível em <http://www.ohoje.com/noticia/cultura/n/122766/t/atleta-paralimpica-camille-rodrigues-faz-ensaio-sensual-para-a-playboy>. Acesso em 20 Ago. 2020.

BARNES, C.; MERCER, G.; SHAKESPEARE, T. *Exploring Disability: A sociological introduction*. Cambridge: Polity Press, 1999.

BERRIEL, M. Fenômeno das piscinas e sucesso na internet, nadadora de Pádua disputará a Paralimpíada Rio-2016. SF Notícias. 05 Set. 2016. Disponível em: <https://sfnoticias.com.br/fenomeno-das-piscinas-e-sucesso-na-internet-nadadora-de-padua-disputara-a-paralimpiada-rio-2016>. Acesso em 20 Ago. 2020.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. *Razón y Palabra*, 69, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

BRITAIN, I. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. *Journal of Sports & Social Issues*, v. 28, n. 4, 2004. p. 429-452.

COURTINE, J. J. O Corpo Anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Eds.). *História do Corpo: As mutações do Olhar: O Século XX*. Tradução de João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 253-340.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of Disability: Cultural contexts and “sporting bodies. *Quest*, v. 49, n. 4, 1997. p. 416-430.

FONTES, M. Uma Leitura do Culto Contemporâneo ao Corpo. *Contemporânea*, v. 4, n. 1, p. 117-136, 2006.

FIGUEIREDO, T. H. **Atleta Real x Atleta de Papel**: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa. 2017. 221f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GEURIN-EAGLEMAN.; BURCH, LAUREN. **Communicating via photographs**: A gendered analysis of Olympic athletes’ visual self-presentation on Instagram. *Sport Management Review*, 133–145, 2016.

HALL, S. The spectacle of the “Other”. In: HALL, S. (Ed.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/Open University, 1997. p.223-290.

HALLER, B. If They Limp, They Lead? News representations and the hierarchy of disability images. In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.). *Handbook of Communication and People with Disabilities: Research and application*. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p. 289-305.

HARDIN, M.; HARDIN, B. Elite Wheelchair Athletes Relate to Sport Media. In: GILBERT, K. G.; SCHANTZ, O. J. (Eds.). *The Paralympic Games – Empowerment or side show?* Maidenhead, England: Meyer & Meyer, 2008. p. 25-33.

HARGREAVES, J. A. The body, sport and power relations. *The Sociological Review*, v. 33, n. 1, maio 1958. p. 139-159.

HARGREAVES, J. A. *Heroines of Sport: The politics of difference and identity*. London: Routledge, 2000.

HOWE, D. The Imperfect Body. *Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games: Book Chapters*, v. 1, n. 4, 2012. p. 100-152.

HUGHES, B. Medicine and the Aesthetic Invalidation of Disabled People. *Disability & Society*, v. 15, n. 4, p. 555-568, 2000.

KAFER, A. *Mulheres Deficientes e a Comunidade de Devotees*. Palestra apresentada durante a Conferência de Estudos sobre a Deficiência. Tradução de Lia Crespo. Chicago, Jun. 2000.

KOIVULA, N. Gender Stereotyping in Televised Media Sport Coverage. *Sex Roles*, v. 41, n. 7/8, p. 589-604, 1999.

LENSKYJ, H. "Inside Sport" or "On the Margins"? Australian Women and the Sport Media. *International Review for the Sociology of Sport*, v.33, n.1, 1998. p.19-32.

MARIANI, B. Nome Próprio e Constituição do Sujeito. *Letras*, v. 24, n. 48, 2014. p. 131-141.

MARSHALL, P. D.. The promotion and presentation of the self: Celebrity as a marker of presentational media. **Celebrity Studies**, 35–48, 2010.

MORAES, M. C. B. Sobre o Nome da Pessoa Humana. *Revista da EMERJ*, v. 3, n. 12, 2000. p. 48-74.

ROCHA, C. Conheça Camille Rodrigues, a musa paralímpica. Polêmica Paraíba. 25 Ago. 2016. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/entretenimento/conheca-camille-rodrigues-musa-paralimpica/>. Acesso em 20 Ago. 2020.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstructed: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, p. 69-94, 2001.

SHAKESPEARE, T.; GILLESPIE-SELLS, K; DAVIES, D. *The Sexual Politics of Disability*. London: Cassel, 1996.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16, 1999. p. 27-47.

TAUB, D. E.; FANFLIK, P. L.; MCLORG, P. A. Body Image among Women with Physical Disabilities Internalization of norms and reactions to nonconformity. *Sociological Focus*, 36Ç2, p. 159-176, 2003.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, p. 166-181, 2003.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and its Athletes Through the Lens of the New York Times. *Sports*, 1, p. 13-36, 2013.